

ANALISANDO PRÁTICAS LEITORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jercimara Jersica Moura Lopes
Faculdade Internacional do Delta – FID – Especializanda

Kaiza Maria Alencar e Oliveira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - Docente

RESUMO

O trabalho que segue é um recorte da pesquisa: “Análise das práticas de leitura na educação infantil e suas contribuições para a (não) formação do leitor” (LOPES, 2012), cujo foi produzido como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado Prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM. Esse recorte objetiva apresentar resultados no tocante à análise das práticas leitoras na educação infantil a fim de compreender se as mesmas contribuem para a formação do leitor. A pesquisa foi realizada por meio de aplicação de questionários com professores de Educação Infantil que atendessem a crianças na faixa etária entre 3 e 6 anos. Diante disso, foi possível concluir que muito se tem a caminhar até que a leitura em salas de Educação Infantil sejam realizadas com foco na formação leitora da criança.

Palavras-chave: Práticas leitoras. Educação infantil. Leitura.

INTRODUÇÃO

O trabalho que segue, é um recorte da pesquisa: “Análise das práticas de leitura na Educação Infantil e suas contribuições para a (não) formação do leitor”, realizada em 2012, e que apresenta como objetivo central compreender de que forma são realizadas as práticas de leitura em salas de Educação Infantil e ainda se contribuem para a formação de leitores profícuos.

É comum encontrar pesquisas e discussões acerca da formação de leitores que tenham como público alvo o Ensino Fundamental. Mas ao se tratar de Educação Infantil, existe, ainda, uma lacuna de como estão sendo trabalhados os textos com crianças ainda não letradas.

Em um universo permeado pela magia, pelo faz de conta e pela ludicidade, como de fato é a Educação Infantil, é preciso atentar ao momento da contação de história para que leve a criança a querer ouvir cada vez mais novas (ou as mesmas) histórias, que desejem conhecer o livro, os personagens, que pensem sobre os acontecimentos e adquiram novos conhecimentos com isso.

Partindo do pressuposto de que quanto mais cedo se tiver acesso aos textos, melhor será o resultado no tocante a formação leitora da criança, o ideal é que a criança desde os seus primeiros anos de vida escutem histórias, folheiem livros, tenham acesso à linguagem escrita. Mas, sabe-se que muitas dessas crianças chegam às salas de Educação Infantil sem conhecer os personagens fantásticos, sem nunca ter folheado livros e até mesmo ter escutado uma verdadeira contação de história. Esse papel, de apresentar textos simples às crianças, que é da família, passa, então, a ser dever da escola.

Esta pesquisa tem como foco de análise as formas que estão sendo realizadas essas práticas de leitura em salas de Educação Infantil, objetivando investigar se essa mediação está contribuindo (ou não) para a formação dos futuros leitores, e ainda, o que implica para que se obtenham tais resultados, considerando desde a prática do docente até a escolha dos textos trabalhados.

Compreendendo a prática de leitura do docente na Educação Infantil como fator determinante para a formação do futuro leitor e mediante análises realizadas, busca-se ampliar as discussões nessa temática a fim de beneficiar os cursos de formação de professores, destacando quais os entraves e possibilidades no mediar à leitura com crianças ainda não alfabetizadas.

METODOLOGIA

Inicialmente foram realizados estudos bibliográficos a fim de aprofundar e rever conceitos que permeiam essa discussão. À luz desses referenciais teóricos foi produzido um questionário objetivando preencher as lacunas existentes quanto à prática de leitura realizada em salas de Educação Infantil na cidade de Pau dos Ferros/RN.

O *locus* da pesquisa foram três escolas de Educação Infantil em diferentes localidades do município com a finalidade de compreender se as práticas se adequam aos contextos dos alunos, sendo elas: Escola Municipal Elpídio Virgínio Chaves, onde

funcionam salas de Educação Infantil no turno matutino e tem como maior número de alunos, crianças da zona rural e periférica da cidade; Escola Municipal Severino de Freitas Rêgo, a qual funcionam salas de Educação Infantil no horário das 7:00 às 15:00 horas, caracterizando-se também por ser uma instituição de caráter assistencialista, pois privilegia o cuidar, deixando o educar em segundo plano; está localizada nas proximidades da comunidade mais carente da cidade, tendo como perfil de aluno crianças carentes, de baixa renda e marginalizadas; Educandário Imaculada Conceição, instituição da rede privada, que atende um público de maior poder aquisitivo.

Os questionários foram distribuídos entre os professores de salas cujas faixas etárias estivessem entre 3 a 6 anos. Por tratar-se de questionário, os docentes tinham uma liberdade maior para responder, podendo analisar a vontade e entregar posteriormente. Por esse motivo houve uma grande dificuldade no tocante a devolução dos questionários, foram aplicados no total de 10 e apenas 5 professores responderam ao mesmo. Todos os sujeitos da pesquisa tem formação no curso de Pedagogia, trabalhando na área entre 15 e 25 anos, sendo a professora 6 a mais nova, estando na área apenas a 4 anos. É uma pesquisa de cunho qualitativo, pois privilegia o aprofundamento das análises realizadas e não a quantidade de sujeitos participantes, e do método indutivo que através da reflexão busca traçar os possíveis caminhos que levem ao verdadeiro significado da questão.

A partir das respostas dos docentes foi possível sistematizar o Banco de Dados para posterior análise. Vale ainda salientar, que se procurou outras creches no município que se recusaram a participar da pesquisa justificando a não preparação dos docentes para esse fim.

RESULTADOS

O questionário que norteou essa análise engloba questões que buscam preencher as lacunas existentes, questões essas que vão desde como ocorre as práticas de leituras em si até a avaliação desse momento a fim de se fazer compreender o desenrolar desse fazer pedagógico.

Mediante análise geral podemos perceber que em ambas as instituições, a contação de história está presente no cotidiano de sala, sendo parte da rotina da criança,

acontecendo três vezes ou mais semanalmente, fator esse positivo, pois possibilita a criança o acesso as histórias, a leitura em si, mesmo sendo ainda um leitor ouvinte.

Na realidade das creches municipais, a sala de aula é o único lugar utilizado para o momento da leitura, não existindo bibliotecas ou espaços coletivos onde haja disponibilidade de material de leitura. Vale ainda salientar, que as docentes não fazem uso dos outros espaços da escola para esse fim, centralizando o contar história na sala de aula. Na escola da rede privada, existe a biblioteca, porém as docentes priorizam as leituras em sala, sendo raros os momentos de visita a esse espaço. As outras áreas da escola, como pátio e jardim são utilizados em momentos de contação, a fim de tornar o momento de leitura mais agradável.

Aqui pode-se perceber, que apesar da existência da biblioteca, as docentes da escola privada fazem uso de outros espaços com intuito de agradar aos discentes, enquanto que, nas demais escolas, apesar de terem espaços em comum, como o pátio, não se faz uso desse espaço, centrando a leitura na sala de aula e a caracterizando como atividade imposta, que será cobrada posteriormente.

Ainda no tocante a organização do momento de leitura, ao perguntar-se sobre a existência de livros em sala, obteve-se as seguintes respostas:

PERGUNTA: Existem livros disponíveis e acessíveis na sala? Como ficam organizados?

PROFESSORA 1: Não. Quando necessário levo para a sala de aula.

PROFESSORA 2: Sim, ao alcance das crianças, que elas possam manusear.

PROFESSORA 3: Sim, em varal acessíveis as crianças.

PROFESSORA 4: Na sala os livros estão no armário, mas os alunos tem acesso ao mesmo.

PROFESSORA 5: Os livros da sala ficam no armário, mas as crianças tem acesso nos momentos de leitura e quando solicitam.

O quadro acima nos mostra que ainda existe uma cultura de resguardar os livros, de cuidar para não rasgar, isto fica claro nas falas das professoras 4 e 5 quando mantem os livros em armários, não estando a disposição para que a criança veja, pegue, folheie até escolher qual lhe chamou mais atenção. Ainda a falta de livros na sala da professora 1, evidencia o não incentivo a leitura, pois os textos são utilizados apenas como instrumentos de transmissão de conhecimento conceitual, ou seja, explorado com o intuito de transmitir conceitos. As professoras 2 e 3, optam por deixar os livros disponíveis ao manuseio da criança. Maia (2007, p. 51) infere que “As pesquisas

mostram que o leitor se forma até os doze anos de idade (dados da UNESCO), sendo, pois, fundamental que a criança trave contato com o livro desde os primeiros anos de vida”. Isso nos mostra que, não se está trabalhando com a finalidade de formar leitores, pois para tanto, é necessário se ter acesso ao livro, folhear, conhecer, ter disponível ao alcance da criança para instigá-la a querer manusear, o que não está acontecendo nas realidades acima.

Outra variável analisada está relacionada a prática pedagógica de mediação de leitura do professor, para tal, foram levantadas questões acerca dos métodos, escolha de materiais e gêneros textuais utilizados.

Quando se questionou sobre os métodos utilizados na contação, não houve variação, priorizou-se o uso de máscaras, dedoches, dramatizações, cartazes e sempre incitando o aluno a refletir sobre a história que foi ou será contada.

Entre os tipos de textos privilegiados também houve concordância, optando por textos simples, de fácil compreensão, pequeno e tendo como gênero textual predominante o conto de fadas.

Ao perguntar-se sobre os critérios de seleção da escolha do repertório de leitura, e de acordo com as respostas obtidas, o diálogo está presente, ou seja, não é uma escolha do professor, mas do mesmo juntamente com a turma. É uma relação dialógica de escolha, conforme pode-se perceber nos dados abaixo:

PROFESSORA 1: Prestar atenção no que as crianças dizem, pensam, vivenciam.

PROFESSORA 2: Mostrando o conteúdo dos livros escolhidos, o que for escolhido pelas crianças será lido.

PROFESSORA 3: Questionando a turma.

PROFESSORA 4: Escolhemos textos que possamos tirar lições e explorá-los com bastante questionamentos.

PROFESSORA 5: A escolha é feita a partir da observação do momento que a criança vive em sala e fora da escola, observando seu nível de aprendizagem, o que mais gostam de ouvir. Se observa, seleciona textos dentro dessas características e abre espaço para escolha da turma.

Ainda é perceptível na fala das professoras 2 e 3 que não existe um planejamento para essas leituras, pois, dar-se a entender que não existe um processo de seleção, trata-se de a criança apontar o que quer ouvir e a professora ler. Nesse caso não há cuidado de conhecer previamente a história, de refletir sobre quais questionamentos seriam cabíveis levantar, como também se estaria em consonância com o perfil leitor da turma, isto é, dentro de moldes que poderia agradar as crianças. Nesse tocante

Abramovich (1997, p. 143) sublinha que “É preciso saber se gostou ou não do que foi contado, se se concordou ou não com o que foi contado...”. Já no caso da professora 4, não é uma escolha conjunta, ela seleciona e apenas trabalha o livro da maneira escolhida. Assim percebe-se que é uma leitura caracterizada pela cobrança, na qual apenas realizada com a finalidade de se alcançar objetivos conceituais, como Abramovich (1997, p. 140) enfoca

A literatura infanto-juvenil foi incorporada à escola e, assim, imagina-se que – por decreto – todas as crianças passarão a ler... Até poderia ser verdade, se essa leitura não viesse acompanhada da noção do dever, da tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento...

Com relação a receptividade e participação dos discentes nos momentos de leitura as professoras afirmam ser um momento significativo, de produção de conhecimento e desenvolvimento do imaginário. Momento em que eles indagam, refletem, supõem e encontram soluções para as adversidades presentes nas histórias. Para elas, é um momento de deleite para as crianças que as aproxima do mundo letrado.

Perguntou-se ainda acerca do gostar de ler do próprio docente, pois para constituir leitores, antes de tudo é necessário ser um, e o resultado foi:

PROFESSORA 1: Não tenho o hábito de ler.

PROFESSORA 2: Sim, dou preferência aos gêneros que meus alunos apreciam.

PROFESSORA 3: Sim.

PROFESSORA 4: Estou aprendendo a gostar e me conscientizando que é necessário à todos, principalmente aos profissionais da educação.

PROFESSORA 5: Sim, eu gosto de ler diversos tipos de textos, sempre que tenho tempo disponível estou lendo.

A partir das falas dos docentes observa-se que para de fato incentivarem a leitura, precisam primeiramente aprender a apreciar e se conscientizar do papel da leitura na sociedade atual. Esse é um quesito fundamental que vai nortear a prática docente que tenha como objetivo formar leitores por gosto.

CONCLUSÃO

De maneira geral, a pesquisa nos mostra que existe uma ausência de conhecimento específico no tocante a trabalhar com leitura em salas de crianças ainda não letradas, o que acarreta uma prática repetitiva e que não reconhece o valor da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo da criança.

Escolas de Educação Infantil, ainda são vistas como instituições assistencialistas, responsáveis pelo cuidar e pelo brincar da criança enquanto o pai ou mãe trabalham. Essa é uma visão que deve mudar, partindo da própria escola para chegar a sociedade. Deve sim buscar profissionais capacitados, que compreendam o desenvolvimento cognitivo da criança, que entendam a importância do brincar, do jogo e do lúdico para as crianças, que compreendam que a sua alfabetização começa desde antes de começar seu processo de escolarização, porque nessa etapa da vida, vivenciando e se deixando respeitar cada fase é que a criança poderá desenvolver cada uma de suas potencialidades.

É nessa perspectiva que os cursos de formação de professores devem preparar os seus alunos, para que se tornem esses profissionais que se procuram, capazes de atender as necessidades da sociedade, capazes de se tornarem cidadão críticos-reflexivos e participativos, capazes de compreender que a leitura é o centro de todo o processo educativo, e que se não se formam leitores por gosto, não formarão leitores para a vida, mas sim reprodutores, incapazes de atribuir os seus próprios significados ao que lhe é apresentado.

Ainda, é importante destacar a ausência de políticas públicas voltadas para o incentivo a formação de leitores por gosto, isso fica claro na pequena quantidade de bibliotecas e espaços de leitura existentes sendo esses espaços fundamentais para dar acesso a material de leitura para o leitor em constituição. Vale salientar que, existe uma lacuna na formação dos professores com relação a mediação e uso de literatura em salas de Educação Infantil.

Portanto, as práticas de leitura na Educação Infantil em escolas da cidade de Pau dos Ferros/RN vivem um processo, passando de uma situação em que os docentes fazem uso de práticas repetitivas, sem inovação, para a conscientização da importância

da leitura e da busca por meios de se trabalhar a leitura com crianças não letradas e que resulte positivamente no seu letramento.

Para que esse processo possa ter continuidade, é necessário que haja investimento na formação desse professor, para que eles possam conhecer as teorias, as concepções que norteiam essa discussão; além disso, é preciso investir na escola, na construção de bibliotecas, na aquisição de livros, porque só se forma leitores possibilitando situações em que possa ter acesso, sentir e viver uma história.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.